

409

DO MOSTEIRO À TAVERNA: HÉLINAND DE FROIDMONT E A CONDENAÇÃO DOS PECADOS DA CARNE. *Rodrigo Bragio Bonaldo, José Rivair Macedo (orient.)* (UFRGS).

“*Fui, Lecherie! Fui, Luxure!*”, assim encerram-se os *Vers de la Mort* de Hélinand de Froidmont. Monge da ordem de Cister, Hélinand escreve este célebre poema logo após entrar para o mosteiro de Froidmont, na atual Picardia. Nele, a idéia da conversão por vezes confunde-se metaforicamente com a imagem da morte, que é saudada em seu poder purificador. A vida fora do mundo que daí deriva justifica-se, na retórica da austeridade cisterciense, pela construção de um espaço livre dos vícios seculares, o claustro, lugar que se pretende identificado em negação – não apenas ao século, mas também às experiências monásticas que assimilaram hábitos mundanos –, possuindo um potencial eminentemente predicante. Esta comunicação busca demonstrar uma das formas pelas quais esses valores desenclausuravam-se tomando direção ao mundo dos leigos. Como, de tal maneira, elementos pertencentes à cultura clerical (e no caso, regular) buscavam presença em meio vulgar e mundano. Pois é justamente no final do século XII, época em que o vício da Gula – problema tradicionalmente monástico – começa a ser pensado como um pecado capital, que Hélinand escreve seus *Vers de La Mort*, criticando – em língua vulgar – tanto os monges gordos quanto os reis, tanto os bispos quanto os *cointes damoisiaus*. Em outras palavras, pretendemos aqui pensar a obra prima de Hélinand como pertencente ao processo de construção da idéia de Gula como um pecado capital.